

OS SARMENTOS E OS JORNALISTAS DA FAMÍLIA

ANTONIO SARMENTO E O "DIARIO DE CAMPINAS"

Antonio e Joaquim Ulisses - O "Diario" e o "Correio"

Alberto - Jornalista, Orador, Soldado, Político.

A "Associação Campineira de Imprensa" (ACI) colocou em sua "Galeria da Saudade", numa inesquecível solenidade realizada no dia 16 deste mês, os retratos de quatro jornalistas da família dos Sarmentos, tres deles velhos e consagrados paladinos de cem batalhas - Antonio, Joaquim Ulisses e Alberto - o quarto um rapaz de 22 anos, Alberto Sarmento Sobrinho, filho de Joaquim Ulisses. Sobre este, que eu apenas conheci menino de grupo e ginásiano, em tempos idos, proferiu bela e emocionada oração o antigo presidente da ACI, João Rodrigues Serra, homem de jornal e antigo companheiro do malogrado rapaz. Sobre os tres primeiros falei eu, em discurso mais longo no qual, para bem enquadrar os homenageados, todos eles de minha especial estima, discorri sobre suas atividades na imprensa de Campinas nos periodos, agora distantes, em que nela mantiveram acesos os fochos de campanhas ativissimas. Filhos e netos de Antonio, filhas de Joaquim Ulisses e sobrinhos netos dos tres Sarmentos ali se reuniram: tive a sensação de me encontrar, de novo, na companhia daqueles democratas esforçados e leais, cujos espiritos, sem duvida, pairavam no salão da ACI, e cujos traços fisionomicos se desenhavam nos representantes das gerações que deles descendem. O prefeito municipal Miguel Vicente Cury compareceu à cerimonia, tomou parte ativa na recepção aos jornalistas campineiros que lá se reuniram e honrou, de maneira expressiva, com a sua autoridade, a memoria daqueles homens que, cada um em seu setor, tão assinalados serviços prestaram à terra paulista.

Meu discurso tinha que ser, pelo assunto, mais longo, e com algumas correções será repartido numa serie de rodapés dominigueiros, dos quais este é o primeiro.

Em principios do seculo ~~XXIX~~ residiam em Campinas e ali se desdobravam em varios ramos familiares, os Teixeiras, os Duarte, os Toledos e os Francos, entrelaçados por varios casamentos. De uma dessas uniões, de d. Maria Perpetua Teixeira, que casou com Antonio Duarte do Rego, ela do Titulo dos Pires, ele do Tit. dos Praços, nasceram tres filhos: Ana Teresa, Antonio Duarte do Rego e Joaquim Carlos Duarte. A campineira Ana Teresa, casando em 1839 com José Joaquim de Moraes Sarmiento, morador de Mogi-Mirim, houve dessa união dez filhos que, em Mogi-Mirim, onde nasceram, e em Campinas, onde passaram a residir, conquistaram conceito de gente firme nas decisões, de inteligencia clara e vocação decidida para atividades e trabalhos que iam mais longe do que as da vida caseira - o ensino, a politica e a imprensa. Basta enumerar esses filhos para que se conheça o que representou na vida da nascente cidade de Campinas, então chamada São Carlos, esse tronco fertil e valoroso: Antonio, José, Joaquim Ulisses, Luiz Gambeta, Alberto, Josefina, Maria, Cincinato, João e Elisa.

Deles morreram...ainda moços, Cincinato que era farmaceutico, João, que era negociante e Elisa, que foi casada com João Pimentel, ligado a antigos troncos de Atibaia, os restantes - José foi para o Exercito, fez a campanha do Paraguai e trabalhou pela Republica; Joaquim Ulisses eutudou e abriu farmacia e Alberto fez o curso juridico em S. Paulo. D. Josefina abriu escola e foi, em Campinas, durante largo tempo, a educadora de varias gerações de meninas e maças e, até, de meninos. Do seu curso falava com enternecimento um dos seus alunos, José Maria Lisboa Junior, o Zeca Lisboa, diretor do "Diario Popular", sucessor do pai, o velho Lisboa que figurou honrosamente entre os patriarcas da imprensa campineira e paulistana.

A imprensa exerceu sobre os Sarmientos influencia bem marcada: Luiz Gambeta foi fazer jornal e propaganda política em S.

João da Boa Vista; Joaquim Ulisses nessa mesma cidade e em Itapira, antes de se transferir para Campinas; Antonio fundou em 1875 o "Diário de Campinas", primeiro jornal verdadeiramente diário do interior paulista - e nisso se antecipou ao valoroso baluarte republicano que era a "Gazeta de Campinas", bihebdomadaria, fundada em 1869 por Quirino dos Santos, João Quirino do Nascimento e José Maria Lisboa, bloco inicial que Joaquim Roberto de Azevedo Marques, fundador e dono do "Correio Paulistano" acompanhava e assistia de São Paulo a que logo depois era reforçado poderosamente pelos líderes da propaganda, Campos Salles, Amerio Brasiliense, Rangel Pestana, Francisco Glicerio, Carlos Ferreira e João Alberto Sales, sem contar a "meninada" do partido, da qual haviam de repontar muitas das suas mais altas, brilhantes e eficientes figuras.

Os pendores jornalísticos tão declarados nos Sarmentos daquela geração, viriam manifestar-se mais tarde, em outros descendentes e colaterais: d. Maria Sarmento, casada com João Rodrigues, deixou entre os filhos um que milita nas redações desde menino e uma filha que, casada com outro valoroso jornalista que foi José Villagelin, se projetou numa descendência que está assinalando o sangue ancestral na imprensa da atualidade e até nos meados da política partidária.

Topamos pois, nessa família, que não era herdeira de pais financeiramente abonados, mas de gente que se fez por si, um grupo intelectual, alguns deles com o curso mais cuidado, como Alberto, Josefina e Joaquim Ulisses; outros como Luiz Gambeta e Antonio, auto-didatas, sendo que Luiz Gambeta também se colocou na classe dos poetas e literatos, deixando trabalhos esparsos em jornais da época, em Campinas, São João da Boa Vista e Mogi-Mirim.

Deles, entretanto, é Antonio Sarmento de quem falarei primeiro, por ser o mais velho e por ter sido jornalista integral e

o reporter nº 1 do seu tempo. E é curioso assinalar que esse homem, que não tinha curso alicerçado em estudos de humanidades, nem se especializou em ramo algum de conhecimento científico, conseguiu no "Diário", e em concorrência com a "Gazeta" em que Quirino cintilava, uma posição das mais destacadas e prestigiosas.

Fez sua escola e deu início em Campinas em 1875 ao matutino noticioso com abundância de comentários com profusão de fatos iniciando a resistência contra o artigo de fundo massudo às vezes encaroçado, sempre palavroso e brilhante, do estilo dos jornalistas da propaganda que acompanhavam Quirino em seus tropos, suas imagens e suas antíteses estilísticas, as quais tanto serviam para uma notícia de inauguração de estrada de ferro, como para a de um comício político, enterro ou batizado, pois tudo era dosado com transbordamento e fusão. Sarmento procurou outro estilo e o público manifestou-lhe, desde logo, preferência animadora. Com isso ele fez o nome, o conceito e a prosperidade do seu jornal. Mas o "Diário de Campinas" não foi o passo inicial da vida jornalística de Antonio Sarmento; já desde mocinho sentia ele as tentações da vida de imprensa que, para alguns do que nele mourejam hoje - e quase todos os que mourejavam outrora - representa intuição inata, como esses sedutores impulsos que levam alguns para a música, outros para a pintura ou artes igualmente belas com a força das grandes paixões.

Relembremos, pois, o principio dessa trabalhosa existência.

Antonio Duarte de Moraes Sarmento nasceu em Mogi-Mirim, a 9 de junho de 1850, expirou em Campinas, quando estava para fazer 74 anos, em 20 de fevereiro de 1924.

Iniciou a vida no comércio como guarda-livros da firma comissaria Souza Queiroz & Vergueiro. Por esse tempo, dois outros rapazes, Henrique de Rapazes, Henrique de Barcelos e João Gonçalves Pinheiro, portugueses mais moços do que Sarmento cerca de 4 anos, ambos caixeiro e na praça campineira combinaram com o mogimiriano o lançamento de um jornal

que seria nutrido com algumas ideias orientadas para um objetivo principal - "tratar dos interesses da classe caixeral".

E lançaram "A Mocidade", instalando-a numa casa baixa, paredes de taipas, situada na antiga rua do Teatro, depois José de Alencar e, agora, mudada para Ernesto Kulman, entre 13 de Maio e Campos Sales.

O prelo tinha tradição honrosa, pois pertencera aos fundadores da imprensa campineira, os irmãos João Teodoro e Francisco Teodoro de Siqueira e Silva, quando lançaram a "Aurora Campineira" em agosto de 1859. Desaparecido esse jornal, andou o prelo largado e desprezado em desvãos de porta e porões baixos e foi acabar num galinheiro, da rua do Góes, (depois Cesar Bierrenback), onde residia a mãe dos irmãos Teodoro. Ali foi buscá-lo Antonio Sarmento, que o adquiriu por trezentos mil reis. "A Mocidade" surgiu pretenciosamente com artigo de fundo, falava de melhoria da situação da classe, e de permeio lançava atrevidas ideias anticlericais. Mais tarde Sarmento adquiriu um novo prelo e tipos em abundancia no Rio de Janeiro. O jornalzinho foi entrando nos hábitos da população de Campinas e dali se alastrava para Mogi, Amparo, Rio Claro e outros centros populosos - e, pela sua feição irreverente, certas vezes garota, contrastava, como caricatura, com os topicos solenes da "Gazeta de Campinas". Um ano depois "A Mocidade" passou a ser "A Atualidade", menos infantil no nome, embora com a mesma feição, ora seria e veemente quando descompunha patrões severos e padres jesuitas, ora brincalhona e galhofeira quando metia à bulha tipos da cidade e descaídas políticas e sociais da gente de pról.

Até então eram os tres que, com pequena ajuda de algum preto contratado para rodar o prélo, se revezavam na faina do jornal, desde a redação do noticiario até a composição, revisão, paginação, impressão e venda avulsa.

Nosso inesquecível Leopoldo Amaral recordou esses trabalhos do trio jornalístico-caixeiral ao evocar, pelas colunas do

"Correio Popular" de 4 de setembro de 1935, a figura de Antonio Sarmiento e dos companheiros, reproduzindo o que um deles escrevera anos antes:

"Todos nós trabalhávamos igualmente. O mesmo que escrevia o artigo de fundo, batia o rôlo durante a noite; o que fazia a reportagem ajudava a entrega do jornal; o que compunha durante o dia imprimia a folha durante a noite. Eramos jornalistas, reporters, tipógrafos, impressores e, às vezes, distribuidores, quando faltava o efetivo, o popular "Luiz Corneta", contador de histórias e carapetões".

Afinal à "A Atualidade", que era bi-hebdomadário sucedeu, em setembro de 1875, o "Diário de Campinas" que era, de fato, diário e entrava ousadamente na liça de combates mais severos em que a "Gazeta de Campinas" já pontificava. O "Diário" era liberal, havia moderado a feição anti-clerical e iconoclasta do grupo dos fundadores pregava a Abolição e passou a pregar francamente a República.

Dali, tempos, apartaram-se Henrique de Barcelos e Gonçalves Pinheiro, que foram fundar o "Correio de Campinas". Sarmiento arranjou-se sozinho e, aos poucos foi chamando para a redação novos e devotados companheiros, diletantes do jornalismo - Heitor Barbosa (que veio a ser seu cunhado, casando com Josefina Sarmiento), Julio Riedel, Alberto Sarmiento, Nogueira Itagiba, Leal Costa, Paulo de Lacerda e Abilio Alvaro Miler. O jornal era concomitantemente oficina e escola em que se aprimoravam talentos promissores. Desse grupo de batalhadores o único sobrevivente é João Brasiliense Leal Costa, advogado de renome no fôro paulistano, atualmente afastado das lides do pretório, como de há muito se afastara das lides das redações; dono de ampla cultura jurídica, hoje se compraz em recordar as grandes batalhas ou as modestas escaramuças do passado - e é um gosto colher da sua pales-

tra animada noticias seguras e observações perspicazessobre esse passado brilhante da imprensa campineira.

Antonio Sarmiento, sem pretensões a articulista, mas habil no manejo do jornal e possuindo o faro do officio, que o levava a sentir as palpitações e aspirações populares, fazia no "Diario" a cozinha completa, fiscalizando o trabalho de todas as secções. Os moços traziam seus artigos, suas poesias, seus esboços de novelas ou crônicas; os redatores lançavam nos linguadões que se espalhavam sobre as mesas, o "sucito" mordaz, o artigo doutrinário solene e os topicos de critica à serviços publico ou campanhas partidarias; era, porem, o diretor-gerente quem carregava a parte mais pesada, quem fiscalizava tipografos e impressores, quem encomendava o material, quem pagava as contas e quem, certas vezes, tinha que assumir, em juizo, a responsabilidade do lançamento de bombas ferinas que chamuscavam nomes e autoridades e provocavam revides assanhados.

Esse Sarmiento conquistou esporas de cavaleiro na familia ainda bisonha dos reporters ao levantar a cortina que cobriu o "crime de Pinto Junior", que encheu de comoção a Campinas de 1885 e levou à barra do juri, em duas sessões solenes, o gerente de uma agencia de banco, saído dali para as grades da prisão. Sem o grito do jornalista e o seu trabalho de investigador agudo e tenaz, esse delito nunca seria, certamente, desvendado.

Sobre outras campanhas em que, depois, se envolveu, entre elas sobrelevando as da defesa da ordem legal nas graves e fundas provocações de 1891 e 1893, falarei no proximo artigo.

2 2 2

No estudo escrito a "Revista do Centro de Ciências,

(cont.)

Letras e Artes", de Campinas, em 1916, sobre os primórdios da imprensa campineira, Alberto Faria concede ao "Diário de Campinas", e aos Sarmentos da redação, um posto de honra e preeminência na campanha abolicionista. A essa campanha, e à da propaganda republicana, poderiam ser acrescentadas outras muitas, entre elas a da instituição de um "Asilo de Inválidos", para os quais Antonio Sarmento obteve, num trabalho de rara tenacidade, as primeiras subscrições. Fazia ele, aos domingos, numerosos especiais com a biografia de grandes figuras da vida social, política, administrativa e religiosa da cidade, sem declinar-lhes os nomes, para que os leitores os advinhassem. Era propaganda e diversão e o número especial, cuja venda avulsa se destinava integralmente à sacola do Asilo, instruiu e deleitou leitores e leitoras e amealhou o primeiro conto de reis que foi a primeira pedra daquela fundação.

Em 1886, com a morte de Quirino dos Santos, a "Gazeta de Campinas" perdeu sua pena mais vibrante e prestigiosa. Em 1889, após a proclamação da República, alcançada a meta da propaganda, o jornal de Quirino entrou em colapso. Mas o "Diário" continuou na estacada.

Quando em março de 1891, o governo de Deodoro ficou entregue à sanha faciosa do Barão de Lucena e Jorge Tibiriçá, presidente de São Paulo, foi apeado do poder, inesperadamente, pelo sistema então iniciado das demissões por telegrama, agitou-se o Partido Republicano, da capital aos mais afastados rincões do interior.

Campinas assumiu, desde logo, parte ativa na resistência contra aquele retrocesso. Em São Paulo o "Correio Paulistano" abriu as baterias, então alimentadas pela palavra dos grandes chefes do P.R.P. Data de 9 de março o Manifesto do Partido ao país. Em Campinas foi o "Diário" que sustentou o fogo. Naquela data histórica ocorria, por coincidência, a chegada de Francisco Glicério à terra natal, depois de lutas ingentes pela implantação da República e pela boa marcha dos negócios do gover-

(cont.)

no. Ali recebeu estrondosa manifestação - e foi o jornal dos Sarmentos que capitaneou aquela explosão cívica em que, menos do que festejar o chefe que voltava, o que se visou foi honrar nele a fidelidade aos preceitos democráticos que pregara e estavam sendo espezinhadados pelos republicanos já esquecidos daqueles compromissos. Na manifestação aparatosa que o povo rendeu a Glicério, depois de entregue a Mensagem escrita por Alfredo Pujol, desabafou-se a consciência republicana através de cinco discursos rubros e incandescentes: de Souza Lima (depois ministro do Tribunal de Justiça), de Alfredo Pujol, de José Lobo, e dos Sarmentos, Antonio e Alberto. Os Sarmentos tanto lidavam nas colunas do "Diário" como esbravejavam na tribuna popular em comícios políticos. Era esse o feitio de todos eles: em qualquer liça combatiam, quando estava em jogo a defesa de um credo do liberalismo republicano.

O Os acontecimentos daquele primeiro ano de provação precipitaram-se; em 3 de novembro, Deodoro, com a má sombra de Lucena, deu o golpe de dissolução do Congresso; vinte dias depois caía, com o contragolpe de Floriano. Tendiam as coisas à normalidade quando, em setembro de 93 explodiu a revolta da esquadra, verdadeira prova de fogo das novas instituições políticas. A adesão de Saldanha da Gama e as idéias desse grande marinheiro, declaradamente monarquista, foram o toque de reunir dos legionários republicanos. Antonio Sarmento, com o seu jornal, desde os primeiros minutos, tomou, sem disfarces, antes com rara veemência, o partido do Marechal de Ferro. José Sarmento, oficial do Exército, que já servira nos campos do Paraguai, em 67, foi servir à bandeira da República; Antonio acendeu todos os fachos na propaganda da defesa do governo, que representava a ordem constitucional, ajudado por Joaquim Ulisses; Luiz Gambeta fez o mesmo no seu jornal de S. João da Boa Vista; e Alberto, o mais moço, interrompendo os trabalhos da redação que estava chefiando, trocou a eloquência dos comícios por um fuzil Comblain e foi servir no corpo de vo-

(cont.)

luntários do 32º batalhão de infantaria, destacado para guarnecer as terras do sul de São Paulo, ameaçadas de invasão pelas colunas dos caudilhos Gumercindo Saraiva e Juca Tigre.

O "Diario de Campinas" é apontado na obra do coronel Pedro Dias de Campos - "A Revolta de 6 de setembro" - como verdadeiro baluarte que tão ardorosamente pregou a República na era monárquica, como valentemente defendeu sua solidez e a pureza dos seus preceitos naquela tão grave provação.

Em outras campanhas ainda entrou o jornal não só nas de interesse da sua cidade, como em todas as outras que agitaram o país naquele primeiro decênio de implantação do regime republicano. Essa posição decisiva não impedia, entretanto, que certas vezes o jornal verberasse abusos ou defecções dos próprios correligionários. Procurava ele manter, e manteve, com galhardia, uma posição de imparcialidade na apreciação dos problemas mais altos. Na cisão do Partido, com a queda de Glicério, acompanhou o velho chefe em seu ostracismo e em duas vicissitudes sem sombra de desfalecimento. Aquela grupo era de gente com a qual Glicério sempre contou, para dar ou apanhar. Essa existência de trabalhos chegou até o limiar do novo século: em 30 de setembro de 1901 o "Diario de Campinas" deixou a liza, quando a imprensa local já contava com outros órgãos: a "Cidade de Campinas", fundada em 1896 por Alberto Faria e João Barroso Pereira, em em 1900 transferida aos três Lobos - Antonio, José e Paulo; o "Correio", em período de declínio, entregue ao major Gabriel de Carvalho e o "Comércio", fundado por Henrique de Barcelos em 1º de setembro de 1900, jornal que foi o último lançado por esse denodado lutador, pouco antes de se extinguir o "Diário" que ele também lançara aos ventos vinte e seis anos antes.

Morto o "Diario", Antonio Sarmiento recolheu-se, como um legionário cansado de lutas, embora não abandonado de ideais, ao trabalho tranquilo de uma coletoria federal. Trocou a vida noturna agitada da redação e o bulício das oficinas da rua Francisco Glicério, antigo numero 33 a lingua dos "componedores", "quadratinos", "ramas" e "bigodes" por uma outra menos

(cont.)

expressiva, mas talvez mais rendosa, em que só se falava de selagem, requisições, autos de infração e multas nos contribuintes faltosos. Enrolando a bandeira de jornalista não quiz que o "Diário" passasse a outras mãos que, possivelmente, deslustrariam aquele belo patrimônio, tão duramente conquistado. A coleção do jornal, 26 volumes preciosos, assim como o primeiro ano da "Mocidade", a "Sensitiva" e a "Patuleia", foram doados mais tarde pela viuva de grande jornalista, d. Alexandrina Mauricio Sarmiento ao "Centro de Ciências, Letras e Artes"; ficaram assim incorporados ao patrimônio cultural e cívico da terra, sob a guarda de uma instituição prestigiosa que há de saber conservar aquele opulento manancial de fastos da vida campineira.

2 2 2

Falamos agora do outro Sarmiento, Joaquim Ulisses.

Nascido em Mogi-Mirim em 22 de novembro de 1860, dea anos depois de Antonio e quatro antes de Alberto, este Sarmiento, que era farmacêutico, consagrou períodos ativos da mocidade na predicação republicana. De Mogi passou para São João da Boa Vista e ali foi um dos fundadores do Partido Republicano, ao lado de Francisco Osorio de Oliveira, José Procópio de Azevedo, Valeriano de Souza, Joaquim José de Oliveira e outros valentes legionários do credo novo; transferiu-se depois para Itapira, em 1881, com sua farmacia e seu prosetilismo, e ali trabalhou na reorganização do Partido com Alfredo Azevedo Mattias e Francisco de Assis Cintra. Nas tropelias ali cometidas por escravocratas em 1888, enfrentou a horda dos assaltantes, que eram poderosos da terra e, com perigo de vida, fustigou-os severamente pela imprensa. Retornou depois à Campinas e entrou a engrossar as fileiras dos que trabalhavam no jornal do irmão Antonio. A Farmacia era o seu ganha-pão. Como, entretanto, pelo velho dito, "não só de pão vive o homem", empregava a atividade em duas propagandas paralelas: a da formula de um seu xarope, que era "tiro e queda" para tosse comprida - na farmacia, e

a abolicionista e republicana, no jornal. Proclamada a República, foi nomeado para o 1º Conselho de Intendentes presidido por Antonio Lobo, juntamente com o dr. Tomaz Alves, José Pereira Bueno, Luiz de Pontes Barbosa, Cristiano Wohnrath, Antonio Francisco de Andrade Couto, Joaquim de Pontes, Antonio Lapa, A. B. de Castro Mendes e Hercularo Pompeu. Foi a época da segunda epidemia de febre amarela, quando exercer um cargo público municipal, era arriscar a vida a cada instante. Mas tarde ocupou a Intendência, na Camara de 96-98, substituindo o dr. Vieira Bueno; com a queda política de Glicério, foi para baixo, com o chefe do P.R.P. Durante certo período, pela atração da vida de jornal, dirigiu com José Vilagelin o "Correio de Campinas". No "Correio", permaneceu até que a folha foi adquirida pelo grupo em que entraram, como redatores, Alberto Faria, Benedito Otávio, Laurival de Queiroz e, na gerência, Clovis Egidio. Tendo vendido a farmacia, assumiu o cargo de secretário do Ginásio do Estado em Campinas, sem jamais deixar de prestar serviços ao seu partido, o P.R.P., de cujo diretório fez parte e à Municipalidade, a que serviu como prefeito durante vários períodos. Os trabalhos de interesse público encontraram sempre em Joaquim Ulisses Sarmento um servidor pugnaz e desinteressado. Na imprensa, ao tempo em que dirigiu o "Correio de Campinas", com José Vilagelin, confirmou as qualidades que já revelara no "Diário", no qual trabalhou com assiduidade. Isento das preocupações anti-clericais que foram as de Antonio Antonio Sarmento e de Henrique de Barcelos, Joaquim Ulisses Sarmento punha de banda essas investidas que tanto apaixonam e desnorteiam, e só assumia posição de combate quando estava em jogo interesses do Município. Guardava, porém, nesses embates, a dignidade de atitudes que em vários ensejos demonstrou, podendo, tantas vezes, cruzar armas após se escaramuças, sem converter o adversário, vencido ou vencedor, em inimigo pessoal, como consequência de desabridos doestos. Não recorria ao desaforo e à invetiva insolente, como foi de molde em muitos dos embates naquela época. Seria oportuno, mesmo, recordar o que

(cont.)

Joaquim Ulisses escreveu no "Correio de Campinas", em 10 de outubro de 1905, quando foi da morte do dr. Vieira Bueno que no fim de governo de Prudente de Moraes, acompanhara o grupo adversário ao glicerismo, enfrentando os Sarmentos no "Diário" e os Lobos e Alberto Faria na "Cidade". A narrativa acentua a elegância profissional desses antigos homens de jornal que tanto lustre deram à imprensa campineira. Lembrou ele que, certo dia, Vieira Bueno varou pela redação e foi direito à sua mesa:

- "Então você ainda está muito zangado comigo?"

- "Eu? Não, doutor, não há razão..."

- "Pois eu aqui venho para fazermos as pazes.

Você, na Camara e no "Diário", eu, na Camara e no "Correio", lutamos; V. fez o que pôde e eu não fiquei atrás. Você venceu, mas eu fui reeleito. Eu apanhei e dei, você também apanhou e deu - estamos pagos. Venha de lá um abraço e está tudo acabado".

Um final desse estilo nunca seria possível entre homens que, no aceso de uma refrega, se desmandassem, com insultos soeses a palavreado ao estilo corrosivo que procurava em Camilo Castelo Branco, Silva Pinto e Alexandre da Conceição os modelos lusos de então, na arte de xingar, modelos que, depois fizeram escola entre muitos dos nossos plumitivos, da Capital e do Interior.

O "Major", como nós o tratavamos familiarmente, no fim de sua vida, circunscrita aos encargos da secretaria do Ginásio e aos se algumas instituições de caridade, como a Santa Casa, só de tanto em tanto fornecia aos jornais, por intermédio de algum velho amigo, sua colaboração com sugestões judiciosas. E, em quarto particular do Hospital "Irmãos Penteados" bela instalação que remoçou o aspecto das velhas enfermarias da Santa Casa e obra para a qual, ele valiosamente contribuíra, faleceu em 28 de setembro de 1938.

O acervo de serviços prestados à Campinas e à causa democrática em tantos embates e através de tantos contratempos,

assegura ao nome de Joaquim Ulisses Sarmento um posto de bene-
merência entre os homens que fizeram do jornal instrumento de
serviço público, prestado com dignidade e ilibadês. De Alber-
to falarei no próximo artigo.

o o o o o

O mais moço dos Sarmentos foi Alberto - e foi o que
teve projeção mais ampla na politica nacional, essa projeção e es-
se renome tão falazes que, num decurso de vinte anos, da morte dos
políticos, se apagam da memoria dos homens e dos proprios companhei-
ros com a lembrança do que foram, do que fizeram, do que valeram.

Alberto Sarmento era homem de carater rígido, condu-
ta severa e bem norteada, linha de firmeza nos seus ramos, e dos
quais não desgarrava por interesses ou solicitações. Servido por
inteligencia lucida, bela presença, fisico elegante e desempena-
do e boa voz, com o timbre impressivo e forte dos Sarmentos, que
não eram tonitroantes mas possuíam, todos eles, o dom da palavra
falada - Alberto, mais do que os outros, alcançava com ela um gran-
de poder de persuasão.

Já em menino tinha situação de revelo intelectual na
familia e foi o mais animado pelos irmãos e um dos diletos da irmã,
d. Josefina. Nascido em Mogi-Mirim a 10 de abril de 1864, fixou-se
em Campinas com a familia e a numerosa irmandade logo depois de
1870. Em Campinas, após o preparo inicial no collegio Ghirlanda, pas-
sou para o "Culto à Ciencia", então fundado e dirigido por um gru-
po de homens proventos devotados à causa do ensino, e no qual se
confundiam, igualados pelos mesmos anseios, monarchistas e repu-
blicanos - Antonio Pompeo de Camargo, Joaquim Bonifacio do Amaral
(Visconde de Indaiatuba), o futuro marquês de Três Rios (Joaquim

Egídio de Souza Aranha), Joaquim Quirino dos Santos e o dr. Jorge Guilherme Henrique Krug.

Em 1882, fazendo ele o 2º ano do curso, foi eleito presidente de uma sociedade ou organização estudantil, que se constituiu para lançar, como lançou, um pequeno hebdomadario (hebdomadario colegial!...), de que Alberto era o presidente, com a ajuda de colegas dos varios anos. Eram esses estudantes-jornalistas que redigiam, reviam provas, ajudavam a imprimir e vender a folha, depois que os mestres Julio Ribeiro e João Kopke reviam a colaboração, sem intervirem na redação.

O curso ministrado no Colégio era proveitoso e os alunos ali preparados, quando submetidos à provação do chamado "curral", que era o Curso Anexo à Faculdade de Direito, alcançavam notas elevadas. A turma enviada pelo "Culto à Ciencia" a esses exames de admissão, em 1885, composta pelos alunos Alberto Sarmiento, Antonio de Moraes, Bento Pereira Bueno, Carlos Alberto Viana, Elpidio Pereira de Queiroz, Miguel de Barros Penteado e Joaquim de Almeida conquistou os primeiros lugares, reforçando o prestigio do Colegio então dirigido pelo dr. Jorge Miranda. Saído do "Culto à Ciencia", Alberto fazia sua entrada na imprensa, trabalhando no "Diario de Campinas" e nas lides do foro, rabulejando em defesas de processos crimes perante o juri.

A epoca era de grandes agitações, prenunciadoras dos movimentos de mais funda repercussão na vida nacional: a emancipação da escravatura negra e a proclamação da Republica, temas que o jornal dos Sarmentos vinha martelando desde anos remotos.

A Faculdade de Direito, que entrara no regime do ensino livre, acusava uma confusão crescente que ainda mais se agravou quando entrou em vigor a reforma Benjamin Constant que substituiu a denominação de "ano academico" pelo de "serie" e cindira o curso em dois grupos autonomos - o de ciencias juridicas e o de

ciências sociais, com o curso complementar de notariado. Nesse regime podiam os alunos completar as series até em dois anos, sem frequência obrigatoria, galgando as cadeiras em exames prestados perante diversas bancas examinadoras. Alberto Sarmiento fez, em dois anos, o curso que era de cinco e, em março de 1892, colou grau de bacharel, nas duas series. Isso lhe foi facil pois que do fôro de Campinas e das lides do jornal trazia o indispensavel noviciado pratico. Já antes de procurar os bancos academicos militava na advocacia criminal e essa predileção o levou, através de estudos esparsos, a enfeixar, num precioso folheto, editado pelo "Diario de Campinas" em 1886, 4 anos antes de vir para a Academia - "Os crimes celebres de São Paulo".

Ai estão admiravelmente sintetizados os delitos de sensação das comarcas paulistas, com as victimas e autores, circunstancias em que os fatos se desenrolam, datas, nomes de juizes, promotores, delegados e advogados de defesa, componentes de conselhos de jurados e outros pormenores. Nas 240 paginas dessa paciente compilação, o jovem jornalista e futuro bacharel não ficava, entretanto, na fria narrativa, tal como vem nos autos, mas criticava, esclarecia, verberava deficiencias e apontava falhas da legislação penal do Imperio, acenando com as reformas que o novo código penal republicano de 1890, afinal, em boa parte, acolheu. O livro foi dedicado, não a amigos do fôro ou mestres da tribuna judiciaria, mas "A Imprensa", o que acentua bem o feitio jornalístico do autor. O ultimo resumo mais extenso aliás do que todos os outros, é o de "Processo Pinto Junior" que foi o assunto de dois dos meus recentes rodapés dominigueiros no "Correio Paulistano".

Formado em direito, Alberto militou ativamente no fôro campineiro e exerceu, durante algum tempo, as funções da promotoria publica. Mas sua estacada era na tribuna da defesa, na qual desde logo se colocou entre as primeiras figuras, ao lado de Francisco da Costa Carvalho e seu filho Antonio (o Carvalhinho), Moraes

Sales, João Arruda, José Lobo e Alvaro Miler aos quais se juntaram, algum tempo após, Paulo Florence, Cesar Bierrenback, Paulo Lobo, Amelio da Silva, Raul Soares de Moura, Reimundo Blake, Lucio Peixoto e Pedro Magalhães.

Alberto Sarmento tinha palavra fácil e brilhante, mas não se perdia, nos seus discursos, em imagens arrojadas e faceis: a-tinha-se aos elementos probatorios dos autos e neles levantava sua argumentação. Falando bem, com boa voz, com esbelteza de estilo e com a simpatia da figura, seu prestigio na tribuna era consideravel. Tenho bem viva ainda na memoria a impressão que me causou uma das suas defesas, em juri presidido por Soriano de Souza, no salão alto da Cadeia Nova, na rua Andrade Neves. Era eu aluno do Ginasio e "sapo" atento de juri, como era "sapo" de redação da "Cidade". O delicto era de morte - assassinio do cocheiro de praça, Medrado de Camargo, por Juvenal Pinto de Carvalho, em defesa propria e na de uma mundana, por ambos disputada.

Alberto fez a defesa com brilho extraordinario e exito completo. Foi a primeira grande impressão, que ainda guardo, da beleza e da dignidade sobranceira de um patrocínio judiciario em tribunal de juri.

Nos primeiros anos de sua atividade forense, após a formatura, dividia o tempo, igualmente, entre o escritorio de advocacia, no qual trabalhou, alguns anos, com Alvaro Miler, e a redação do "Diario", então instalado no antigo numero 33 da rua Francisco Glicerio, em predio de frente larga, de um só pavimento, fronteiro ao solar de Otaviano Pompeo do Amaral, em cujo terreno hoje se levanta o Hotel Terminus e o predio de escritorios Lix Cunha.

o o o o o o o

O feitiço democratico-republicano daquele moço assegurava-lhe posto de acatamento entre os legionarios do partido sobre

cuja lealdade nunca houve suspeitas ou mal entendidos. Tinham, ele e os irmãos, lugar certo e posição firme em qualquer perigo, vicissitude ou crise de governo. A Republica estava nos seus primeiros annos e esses ardorosos proseliticos traziam bem guardados os ideais que haviam pregado nos annos que precederam a proclamação.

Por isso, em 1893, apenas irrompida a rebelião da esquadra, sob a chefia inicial do almirante Custodio de Melo e a adesão subsequente de Saldanha da Gama, os republicanos de cerne acorreram, desde a primeira hora, à defesa das instituições que se viam ameaçadas, não apenas em sua estrutura, mas na sua propria existencia.

Deve ser recordado como primeiro brado de alarme o telegrama que Bernardino de Campos, então presidente do Estado, mandou a Floriano Peixoto, verdadeiro toque de reunir das forças legais, que despertou eco vibrante em todos os Estados do Brazil. Recebida comunicação do levante na madrugada de 6 de setembro, poucas horas depois, ouvido o seu secretariado, Bernardino respondia em despacho urgente à comunicação do presidente da Republica:

"Navios revoltados não podem impôr sua vontade à nação pelas armas. É inaceitavel o uso da força para resolver assunto politico, quando funcionam livremente os poderes legais. Dou e darei todo apoio à vossa autoridade de presidente da Republica porque sois o poder legitimo. Vosso civismo amparará as instituições no lance aflitivo a que são levadas. Confiai em minha lealdade.

Bernardino de Campos - Presidente de São Paulo".

Um despacho desses, que atestava a decisão corajosa de um homem do porte de Bernardino de Campos, tinha que levantar, de chofre, como levantou, as forças civicas do Estado. De Campinas veio, através das colunas do "Diario" a primeira voz de apoio - seguida de outras que, dentro em pouco, eram côro uníssonos. Mas não ficou o apoio em artigos e comicios de incitamento:

(cont.)

- formaram-se logo batalhões. Improvisou-se em poucas semanas uma guarda municipal, dispensando-se a companhia policial que foi recolhida a São Paulo. Aceleraram-se exercícios e preparativos e a 14 de dezembro, data que recordava a ereção em vila de São Carlos, da antiga povoação de Campinas, dali embarcaram os contingentes enquadrados em formações da Guarda Nacional, em numero de 162 homens, vestidos, armados e municiados por conta própria ou por conta do Estado; Alberto Sarmento, Artur Leite de Barros e Alfredo Teixeira eram os comandantes dessas forças, divididas em 2 batalhões de infantaria e parte de um regimento de cavalaria. A elas agregaram-se logo 40 cavalarianos provin-dos do Amparo, organizados pelo coronel João Belarmino Ferreira de Camargo. Com reforços vindo de Sorocaba, Mogi-Mirim, Caçapa-va, Jundiaí e Jaú, organizou-se a coluna de mais de 250 homens que, sob o comando do major Leite de Barros, comissionado em coronel, com Sarmento comissionado em major, partiu para dar amparo à fronteira do Paraná, ameaçada de invasão pelas colunas de Gumerindo Saraiva e do general Piragibe, que já haviam toma-do Curitiba. A atuação dessas forças foi, durante toda a campa-nha, exemplar pela boa ordem e pela decisão com que enfrentou todas as agruras da luta. Ninguém se deixou contaminar pela co-wardia que caracterizou algumas formações e comandos verdadei-ramente ineptos. Em maio de 94 voltou o batalhão campineiro à sua terra, coberto de louvores que não lhe regatearam o marechal Floriano e o general Evertton Quadros comandante geral da força em operações no sul. E Alberto retornou ao seu jornal e ao seu escritório.

O moço jornalista e orador trocava, quando neces-sário, a pena de articulista e a tribuna dos comícios por um fu-sil, em horas de perigo - e em todos esses trabalhos agia com a mesma bravura e o mesmo destemor. Da tribuna judiciária passou para a política, e foi, aos poucos, deixando a da imprensa. Eleito deputado estadual e tendo servido à antiga Camara paulis-ta em 1897, não voltou à mesma por ter acompanhado a queda gli-cerista. Com o retorno de Glicério à nossa representação no Senado Federal, Sarmento voltou a militar ativamente na politi-

(cont.)

ca do seu Partido, servindo como vereador em 1904, em substituição ao resignatário Henrique Amprust. Em 1906 foi eleito deputado federal, para a 6a. legislatura da nossa primeira República, no antigo 2º distrito, com Alvaro de Carvalho, Elois Chaves, Cincinato Braga, Barros Penteado e Paulo de Moraes Barros.

Nessa representação se conservou, sempre-reeleito, até dezembro de 1926, quando em desconchavos lamentáveis da direção do Partido, foi ele excluído da chapa oficial. Achava-se, então, gravemente enfermo e aquela injustiça de antigos correligionários, aquele esquecimento de serviços valiosos de mais de 30 anos, acabrunharam profundamente o valente líder e aceleraram seus últimos dias. Na estação de Correias, perto de Petrópolis, onde se instalara em busca de clima ameno de montanha, faleceu em 13 de abril de 1927, assistido pelo carinho de uma esposa desveladíssima e acompanhado pela consternação dos amigos que aqui ficavam.

Da sua atuação eficiente e brilhante na Câmara dos Deputados, falarei um dia, com maior amplitude: foi obra extensa que demanda extensa apreciação. Dez dias depois de sua morte, também tombava um companheiro dileto da propaganda, Carlos de Campos, Presidente de São Paulo, cujo brusco desaparecimento iria ter consequências enormes na vida política do país. Na tarde sombria e garoenta de 24 de abril de 1927 quando Alfredo Pujol, em oração das mais emocionantes, se despedia de Carlos de Campos à beira da sepultura, no Cemitério da Consolação, lembrou o nome de Alberto Sarmento e dos outros componentes do bloco moço que em Campinas era chamado por Glicério de "mosqueteiros da República", bloco disperso pela morte em menos de dois anos: Herculano de Freitas, Julio Mesquita, Alberto Sarmento e Carlos de Campos, ficando Pujol como "último abencerrage", até que chegasse o seu dia, - e esse chegou em maio do ano calamitoso de 1930.

Nessa despedida do companheiro disse Pujol estas sentidas palavras:

(cont.)

"A última geração que evangelizou a República foi a nossa, sinistramente açoitada pela morte nestes últimos tempos.

.....

Chamava-nos Glicério os "mosqueiteiros da República". Estávamos todos na primavera dos 20 anos. Cada um de nós cumpriu o seu destino nestes quarenta anos de vida pública. Muitas vezes estivemos em campos opostos, não por conflito de ambições mesquinhas e subalternas, mas por amor aos princípios que cada qual presava e defendia.

Passada a peleja, nunca deixávamos de estender a mão uns aos outros, porque jamais desferimos golpes irreparáveis contra o adversário."

O Sarmiento - Alberto, como se vê, nessa evocação solene, feita num cemitério, em hora tão dolorida em que faltava a alma de um republicano de escola, trazia assinaladas as mesmas virtudes dos outros irmãos, fortes na luta, fieis ao credo democrático: em qualquer peleja ou dissídio sabia-se, de antemão, onde eles se encontrariam.

Foi, pois, obra meritória a da "Associação Campineira de Imprensa" a de colocar, na sua "Galeria da Saudade", os retratos desses lidadores de uma mesma família, que tanto honraram os foros de civismo da terra campineira e tanto se recomendaram ao respeito e à estima da sua gente, de dentro ou de fora dos jornais.

Correio Paulistano - 23 e 30-IV e 7-V
1950